

**Gravação: tdm41\_Teatro no ENEM**

**Duração do Áudio: 01:11:00**

<b>Legenda</b>	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Narrador	Narrador
Orador A	Gustavo
Orador B	Luciana
Orador C	Hugo Leonardo
Orador D	Fernando

Narrador: O Trabalho de Mesa é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Orador A: Se você foi procurar na internet sobre o ENEM, no YouTube, você vai descobrir uma enorme indústria de cursinhos que existem por aí, existe uma indústria de cursinhos, existe uma indústria de aulas na internet, principalmente, vídeos na internet. No YouTube, tem um monte de vídeo, tem muitos vídeos legais, tem muitos vídeos que as pessoas tentam resolver a prova para vocês. Pega uma prova antiga e vai fazendo uma resolução da prova e vai apontando as questões, ou às vezes, até só falando do conteúdo mesmo, só falando do assunto para discutir e preparar você para prova do ENEM, para você fazer uma prova do ENEM. Se você for levantar e fazer um panorama de quantas aulas a internet tem, feitas para internet, você vai descobrir que artes é uma das coisas que menos se fala. Você vai ver que tem muitos mais cursinhos e

aulas que falam sobre os assuntos das provas, que caíram nas provas, os assuntos gerais sobre química, matemática, português, alguma coisa até de literatura porque tem muitos canais de literatura. Mas, essa indústria do ENEM, essa indústria que se gerou em torno do ENEM, artes surfou, mas surfou bem timidamente, mas ainda assim, se você for fazer uma pesquisa, impressionantemente, você acha pelo menos uns seis, sete canais no Brasil que falam exclusivamente sobre arte, e exclusivamente sobre a prova do ENEM ou falam bem diretamente para a prova do ENEM. Se você for pensar no que o mercado do ENEM representa, ele é uma possibilidade que garante muitos alunos, não só a ingressarem na faculdade ou não só realmente serem avaliados pelo governo de como anda a qualidade do ensino médio no país, mas também possibilita, realmente, um approach, que é o queremos colocar hoje, ele possibilita os professores também a serem demandados para além do mercado de professores de arte normalmente numa escola. O fato da prova do ENEM abordar esse tipo de assunto, também garante escolas pensarem que essa profissão de professor de artes possa ser algo necessário mesmo, porque você tem um aval do governo dizendo: “Ó, pode usar esse cara porque esse cara funciona, contrata essa professora porque essa matéria está também aqui de alguma forma sendo abordada”. É claro que ainda não é o ideal, é claro que ainda não é e talvez nunca seja, que ainda não é, especificamente, sobre teatro porque ainda não tem uma prova como tem, por exemplo, de biologia. Como não tem uma abordagem nesse sentido ainda, as provas de artes, elas ainda são no mínimo estranhas, vamos assim colocar, porque também a academia de artes vem se formando e ainda também é um pouco estranha, por assim dizer. E são esses os tópicos hoje, são essas as nossas ideias, discutir sobre um assunto que é muito interessante, como que o ENEM ou como que a avaliação nacional do ensino médio enxerga ou não o teatro dentro dele.

Orador B: Bom, eu acho interessante começarmos falando do ENEM, entendendo que o ENEM é uma grande conquista da sociedade brasileira, ele se relaciona com a expansão da educação superior, porque houve uma expansão do ensino superior no Brasil de vinte anos para cá. É uma tentativa também de você fazer uma prova única, a pessoa que está em um Estado, que não faz parte dos grandes centros, ela vai fazer uma prova igual uma pessoa que faz parte dos grandes centros, e vamos conseguir avaliar em que nível que está cada pessoa, para ver como os projetos de educação, que são projetos nacionais, estão sendo aplicados. Então, eu acho que é mais uma tentativa do Estado, porque o estado brasileiro tem essa ambição de tornar o Brasil um único país, nós vemos que países menores, por exemplo, não sei se é o caso da Suécia, que é um país que tem duas ou três línguas oficiais. O Brasil não, o Brasil deste tamanho nós temos uma única língua, nós temos um único ensino, nós temos um único projeto de educação e uma das ambições do governo é que esse projeto se realize. Então, eu acho muito interessante e, obviamente, em um país tão grande, temos muitas contradições e as contradições também são reveladas nesse grande projeto que é o ENEM.

Orador C: Isso também foi um compromisso assumido pelo Brasil, enquanto país participante na reunião das nações unidas, mediadas pela ONU, um compromisso de investimento na educação nacional, tentando reverter os quadros de analfabetismo e de analfabetismo funcional, que é um grande problema, porque muitas vezes isso tudo é

para gente gerar indicadores só que nós sabemos o tanto de lacuna que se abre nessa geração de dados. E esse exame nacional, bem ou mal, ele conseguiu dar uma balizada no desenvolvimento da educação básica no Brasil.

Orador D: Vamos então dar alguns passos para trás antes de chegar ao ENEM, para nós falarmos pontualmente sobre o processo educacional. A educação brasileira tem uma lei de diretrizes e bases, que é a lei nº 9394/1996, ou seja, é uma lei que já passa dos seus vinte anos e que reflete um pouco esse processo que a Luciana acabou de descrever. E essa lei é uma lei que define que a educação é um processo de responsabilidade e de corresponsabilidade familiar e estatal, ou seja, ela define que a formação de um ser humano, a formação educacional de um ser humano é responsabilidade da família e do estado. Ela define treze tópicos que devem ser aplicados, que devem ser respeitados como uma lei constitucional, uma lei federal e eu gostaria de... Eu não vou citar os treze tópicos, mas eu vou colocar alguns que me chamam atenção. O primeiro deles diz que essa lei garante: a igualdade de condições para acesso e permanência na escola. Você ouvinte, você ouvinte, pode pensar e ver se você concorda, se você acha que essa lei tem sido aplicada. Tem outra, que é: a pluralidade de ideias e concepções pedagógicas, ela diz que garante que se tenha pluralidade de ideias e concepções pedagógicas diferenciadas. Podemos avaliar, por exemplo, como o novo governo tem apresentado a ideia sobre educação, pense aí, esse é o item número três. O item número dois é ótimo porque ele fala de liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber. Se você está nos ouvindo e é professor e já precisou, por exemplo, fazer um trabalho com seus alunos sobre cultura afro, sobre qualquer tema relacionado à sexualidade, você vai entender que essa liberdade, ela sempre esbarra em uma moral, em uma tentativa de controle sobre os conteúdos, na tentativa de controle sobre a liberdade de abordagem, sobre as concepções e tudo mais. Então, eu acho que é um documento importantíssimo. Ele é bem elaborado, quando você lê o documento, ele apresenta uma ideia avançada de educação. O item número onze fala da garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida, e nós também conhecemos e não precisamos nos estender muito para dizer que essas condições e a garantia à escola e à educação, em todos os seus níveis, ela é interrompida por questões sociais, por questões da contingência, da necessidade específica do ser humano dependendo de onde ele está e dependendo de que classe social ele vem...

Orador C: Sim, exatamente... Pega mais aí até...

Orador D: Totalmente! Então, vejam bem, nós temos uma lei de diretrizes e bases que define diretrizes na base, na sustentação da concepção do ensino e que coloca treze pontos, além desses que eu citei, e temos um sistema de avaliação única que foi criado, em um país continental como o nosso, que coloca todo mundo em uma mesma condição de avaliação, que permite, se for bem utilizado, gerar dados, gerar documentos que possam virar possíveis ações para reparos ou para investimentos, para mapear a situação da educação brasileira, então, nesse sentido é uma ferramenta incrível.

Orador A: O site do ENEM fala que a principal avaliação, a principal função, a finalidade do ENEM é de fato fazer uma avaliação do desempenho escolar e acadêmico ao final do ensino médio, estamos falando no sentido qualitativo do aluno, como que o aluno sai, quando ele terminar o ensino médio, qual é o desempenho escolar e acadêmico dele. A partir desse resultado, você pode avaliar a construção de novas... Eles colocam isso no site: “possibilitar a construção de parâmetros para uma auto-avaliação do participante, visando a continuidade da sua formação e a sua inserção no mercado de trabalho; permitir a criação de referência nacional para o aperfeiçoamento dos currículos do ensino médio; ser usados como mecanismo único, alternativo ou complementar para o acesso à educação superior, especialmente, as ofertadas pelas instituições federais; ser utilizado como instrumento de seleção para o ingresso nos diferentes setores do mundo de trabalho e viabilizar o desenvolvimento do estudo e de indicadores sobre a educação brasileira”. E, nesse sentido, um que eu acho muito interessante que o governo brasileiro ou que o estado brasileiro, no caso, pense que é ser utilizado como instrumento de seleção para o ingresso nos diferentes setores do mundo do trabalho, que é uma coisa muito inteligente...

Orador D: Sim.

Orador A: Se você pensar, é também as pessoas que estão por aí como empreendedores, criadores de empresas que querem contratar uma pessoa, podem também utilizar essa avaliação do ensino médio, se você pensar em um mundo ideal, como um parâmetro de um tipo de funcionário que a pessoa possa ser na sua empresa, sabe? Eu acho interessante que o Brasil coloque isso nos termos acadêmicos porque academia brasileira tem muita coisa profunda, como um todo, principalmente, na área de ciências. Eu acompanho bastante o pessoal do portal do Dragões de Garagem, e eles têm um programa semanal no YouTube, que são notícias sobre o mundo científico. Toda sexta-feira sai e, várias vezes, são pesquisadores brasileiros fazendo coisas de nível muito violento, muito alto, muito sério, que vai mudar muita coisa na vida da sociedade, do planeta. Eu fico impressionado, a gente tem uma galera foda aí, cara, e a gente meio que não sabe ou meio que não fala disso, mas existe um estudo profundo e como nós temos uma dimensão gigantesca, eu sempre olhei com bons olhos essa ideia de, vamos avaliar como é que o aluno sai do ensino médio porque a partir desse número, dessa avaliação, que você vai conseguir saber o que é que o ensino médio tem de bom e o que é que o ensino médio tem de ruim, não só para você melhorar o ensino médio, mas também para você conseguir criar novas ofertas de trabalho...

Orador D: Perfeito!

Orador A: Porém, nós questionamos também como avaliar porque, aí sim, como você avalia a pessoa? Aí, é um problemão. Mas, a ideia básica é muito interessante, parar para pensar de como o aluno saiu dali e o que aconteceu com esse aluno, para ele conseguir chegar nessa qualidade de resultado do estudo, entende?

Orador B: É um denominador para se entender onde vão ser aplicados os recursos, do tipo: uma escola obteve uma média muito baixa, então, o que está precisando para que

aquela escola alcance notas maiores, para que os alunos sejam melhor formados? Então, se leva mais recursos para essa escola? Uma das coisas que é importante enfatizarmos, é a importância da prova de redação, por exemplo, na prova do ENEM. A pessoa pode ter ido muito bem na prova, mas se ela foi eliminada na prova de redação, que é uma prova eliminatória, se ela não dominar a língua portuguesa ela é eliminada. Então, olha só que tipo de cidadão você está querendo criar, um tipo de cidadão escreve e lê bem.

Orador D: Você identifica por área. Às vezes, você percebe uma região que está deficiente no ensino histórico, no raciocínio lógico-matemático, você consegue fazer gráficos nessa situação...

Orador C: Sim, até pela divisão do caderno de provas que, desde o ano passado, passou a acontecer em duas semanas. Em um fim de semana, você faz o caderno que tem códigos e linguagens, que tem línguas estrangeiras e ciências humanas, e no outro fim de semana, o caderno de exatas. E a redação obviamente está junto com códigos e linguagens e ciências humanas.

Orador D: Exato!

Orador C: Então, nós conseguimos trabalhar, por setor, que tipo de deficiência e de proficiência que esses alunos estão tendo em determinadas áreas.

Orador D: Importante falar sobre a prova de redação, que a Luciana falou sobre o domínio da língua portuguesa, mas eu até queria fazer um adendo, que eu acho que, para além do domínio da língua portuguesa, a redação exige do participante uma capacidade de formular e desenvolver pensamento crítico através da língua portuguesa, às vezes, o menino é alfabetizado do ponto de vista formal, ele sabe ler, ele sabe escrever, ele domina os vocabulários, ele domina o vocabulário da língua portuguesa ou tem uma extensão enfim...

Orador C: Razoável...

Orador D: Razoável da língua portuguesa, mas se ele não conseguir desenvolver raciocínio...

Orador C: Crítico.

Orador D: Crítico e através de uma formulação de ideias, de encadeamento de ideias, ele não vai conseguir ter desempenho na língua portuguesa...

Orador C: Exato!

Orador D: Na prova de redação...

Orador C: É, e vai até para além disso tem os estilos de textos...

Orador D: Sim.

Orador C: Então, você pode ser solicitado para fazer uma escrita dissertativa ou uma redação jornalística...

Orador D: Exato.

Orador C: E esses garotos também têm de estar preparados, aptos a desenvolver esses tipos de textos.

Orador D: Então, vamos voltar aos documentos oficiais que dão suporte à educação? Porque falamos inicialmente da LDB que é essa mãe, que é esse grande guarda-chuva que dá a diretriz básica com treze tópicos bastante vastos, amplos e que são obrigações do Estado e que são de responsabilidade também familiar. E partimos para um segundo conjunto de documentos que são os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais. Eles vão, mais especificamente, para os conteúdos. Então eles vão definir os parâmetros, definem os conteúdos que devem ser trabalhados em cada disciplina. No que diz respeito ao teatro e à linguagem, ele é dividido em dois eixos: criação e aprendizagem. Então, no eixo da aprendizagem, estão os conteúdos relacionados à história, conteúdos relacionados ao conhecimento dos movimentos históricos e dos movimentos artísticos, em que contexto eles aconteceram, em que países, quais são os nomes, quais são os nomes dos artistas, nomes dos movimentos; e o eixo da criação é relacionado à metodologia, relacionado a processos de imersão, processos criativos dentro da linguagem de teatro. Bom, depois do PCN, temos um último documento, de 2019, que se chama BNCC, que ele já está relacionado à linha de governo. O novo BNCC, que é a Base Nacional Comum Curricular, define mais especificamente, a partir dos PCNs, tópicos que devem assumir o desenvolvimento, enfim, a orientação dos professores no que diz respeito à sala de aula.

Orador C: E só vale lembrar que é um documento novo porque estamos passando por uma reforma estrutural, das nossas bases, do alicerce da nossa educação.

Orador D: Exatamente! E o BNCC apresenta seis eixos, seis grandes temas que devem ser abordados com relação ao ensino das artes, então, eu vou dizê-los aqui. Primeiro eixo é conviver, o segundo eixo é brincar, no ensino básico ele aparece como brincar, e no fundamental e médio, ele apresenta como expressar-se, apresenta como relacionar-se...

Orador B: Uma experimentação da linguagem.

Orador D: O terceiro tópico é participar, o quarto tópico explorar, o quinto tópico expressar e o sexto tópico conhecer-se. Isso é, cada um deles tem um textinho que define o que deve ser produzido dentro dessa... Eles definem o conceito de cada um desses eixos e eles dão orientação para o desenvolvimento da educação dentro do campo do teatro.

Orador C: Sim, e mais à frente no documento, eles estabelecem inclusive os termos de competências e habilidades...

Orador D: Exatamente!

Orador C: Para as abordagens desses conteúdos...

Orador B: Então, vejam só! Nós temos uma LDB, de 1996, que estabelece um compromisso com a educação, que é um compromisso de corresponsabilidade familiar e estatal que fala de pluralidade, de ensino, que fala de abrangência de conteúdos, que fala de garantias de acesso e permanência na escola e uma série de outras questões. Depois, partimos para o PCN, que são os Parâmetros Curriculares, onde você define dentro de cada área específica de conhecimento, conteúdos e direções, eixos que dão direções para o conteúdo que deve ser desenvolvido, onde o professor deve se desenvolver, deve transitar com seus alunos respeitando a LDB, por exemplo, com toda a liberdade que lhe cabe de abordagem metodológica nesses assuntos. E, por último, temos os princípios que estão sendo apresentados por esse último documento, o BNCC que é Base Nacional Comum Curricular, que esse já é o documento mais recente, enfim, ainda precisamos de tempo para transitar com ele e poder desenvolver com ele por mais tempo. Mas, vejam bem, se vamos falar propriamente do ensino das artes, por exemplo, eu acho que existem... A gente podia... Me interessa falar, por exemplo, sobre três conceitos que são fundamentais nesse processo educacional, obviamente, estamos falando de teatro, então, vou direcionar minha fala para o universo do teatro. Mas, vamos lá, o primeiro conceito é linguagem. Linguagem é um sistema através do qual as pessoas comunicam ideias e sentimentos, então, falando de uma maneira abrangente, a linguagem, por exemplo, conhecemos a linguagem verbal que é a língua falada, temos a linguagem escrita que a língua escrita, que é no nosso caso língua portuguesa formal, temos a linguagem corporal, então, conseguimos expressar ideais e sentimentos através dessas diferentes formas de linguagem. Então, linguagem tem a ver com comunicação, tem a ver com como o enunciado que eu desejo transmitir, tem a ver com a forma pela qual eu escolho transmitir o enunciado que eu desejo transmitir. A expressão corporal também pode transmitir sentimento e ideias. Dito isso sobre a linguagem. O outro conceito é arte. Nós vamos falar de outro conceito, o que é arte, de modo geral, vamos falar de modo abrangente, a arte está lá, podemos definir como sendo uma produção com muitas camadas de significação, com muitos sentidos, tem muitas camadas como se fosse um bolo recheado e com muitas camadas cobertura, pão-de-ló, recheio no meio do pão-de-ló de baixo e aí, quando a gente está falando da arte como sendo uma produção com muitas camadas de significação, com muitas camadas de sentido, isso eu quero dizer, por exemplo, às vezes, você tem uma obra de arte que tem muitas camadas de sentido e eu, com o meu repertório atual, não consigo identificar todas elas. Isso não quer dizer que elas não existam, isso não quer dizer que elas não estejam lá, às vezes, eu olho um quadro e eu não consigo entendê-lo porque eu não tenho repertório suficiente para dialogar com todas as camadas de sentido que são produzidas nesse quadro, ou com o texto de teatro, ou com uma canção do Chico Buarque. Isso não quer dizer que as coisas não existam lá, elas estão lá, o meu repertório não me permite dialogar profundamente com todas essas camadas. Aí, eu me comunico, eu entendo certas camadas, posso achar legal, posso achar feio, posso achar bonito, mas eu tenho um tipo de relação com a obra. Quando falamos de teatro, e vamos falar de teatro e linguagens, então, lembra que

linguagem é a forma como a gente escolhe se comunicar? A forma como a gente deseja transmitir as ideias e os sentimentos? Dentro do teatro, temos um leque gigantesco de linguagens...

Orador C: Até por que o teatro já é um híbrido, ele já agrega na sua manifestação diversas linguagens, então, deixa ainda mais complexo...

Orador D: Exatamente!

Orador C: Se formos pensar em gêneros, estilos e tal.

Orador D: Mas aí podemos... Só para vocês poderem acompanhar e, eu imagino que você já esteja nos acompanhando, imaginando este leque de linguagem, como é que eu posso transmitir? Eu posso, por exemplo... Imaginem uma cena, de uma senhora sentando-se a uma mesa, um bulezinho servindo o café, e tomando um café. Se a gente vai falar do Realismo, a maneira como é a linguagem do Realismo, essa mulher vai fazer isso com a maior verossimilhança possível...

Orador C: Perfeito!

Orador D: Se a gente vai falar da linguagem do Clown, de repente, ela pode queimar a mão no bule, ela pode beber pelo bico do bule. Eu estou tentando dar uma ilustração, se vamos falar do expressionismo, de repente, ela vai chegar com muito peso até essa mesa, a música...

Orador C: A própria mão vira o café...

Orador B: É, a mão vira o café, se a gente vai falar do surrealismo ela pode, de repente, servir... O café pode estar servido na xícara e ela coloca no bule e o bule, ela vira para beber. Vamos invertendo a maneira, a forma como eu apresento a mesma ideia: uma senhora sentando-se numa mesa para tomar café. Aí, eu tenho diversas linguagens para poder, dentro do teatro, comunicar, para poder expressar os sentimentos e as ideias...

Orador A: É tão interessante ver da necessidade e aí o porquê ter um PCN ou ter uma base nacional ou até mesmo ter uma lei que aborde isso, é tão importante, é tão importante e tão interessante. Eu estava atuando em um filme, eu fui chamado para ser ator de um filme de um diretor chinês, e aí o diretor tinha que me dirigir na cena, eu era o ator da cena e ele estava me dirigindo: “ah, então, eu quero que você fazendo isso e tal”, e todas as coisas que ele fazia eram cenas de amor. Tudo, tudo eram coisas de amor, eram cenas, assim, super superficiais, bem simplão mesmo, sabe? Era o amor romântico do garoto pela garota, aí suspirava e ele queria que eu fizesse uns gestos que eram muito over, muito over para mim, eu ficava assim: “cara, mas o filme está todo com uma cara realista, ele está pedindo para fazer uma interpretação muito exagerada”. Aí, eu fui conversar com ele em off, porque eu tinha essa liberdade com ele, porque aqui você não fala pro diretor da sua opinião criativa, não, você só obedece, pronto é isso aí. E aí eu conversei com ele, falei, você não acha que você está fazendo muito e tals... E ele falou sabe o que é? “Eu não falo inglês direito, então, na hora de eu tentar



explicar para equipe, para as pessoas o que eu quero que eles façam, eu só consigo falar o básico, eu nem quero tentar explicar o sentimento mesmo que eu queria passar, entendeu? Por isso estou fazendo um filme supersimples e básico porque eu não tenho inglês para falar sobre isso...”

Orador D: Para dar uma reflexão...

Orador A: E aí, o produtor falou: “eu tenho uma ideia, vamos assistir a uns filmes juntos vamos só assistir aos filmes juntos”. Então, pegamos uma sequência de seis filmes que o diretor trouxe, que ele gosta muito, e assistimos aos filmes. Aí, eu vi o ator e eu falei: “ah tá! Agora eu sei o que você está querendo dizer”. Porque eu tive a mesma epifania com o produto artístico que causou nele ou parte disso, eu olhei as cenas e eu pensei: é esse sentimento! E eu sei que é muito difícil colocar isso em palavras e ainda mais colocar isso em palavras em outra língua que não é a sua...

Orador D: Sim!

Orador A: Então, agora eu sei ser dirigido, agora, a gente pode voltar para o set e eu vou conseguir porque existiu uma linguagem básica entre eu e ele, nós começamos a conversar o mesmo idioma.

Orador D: E, neste caso, ainda tem um complicador extra, ele não dominava a linguagem corrente, a linguagem verbal, para poder se comunicar contigo. Ele estando limitado na linguagem verbal, era impossível comunicar a complexidade da linguagem artística que ele queria produzir...

Orador C: Perfeito!

Orador D: Que é outra questão, é mais complexo. A profundidade dos códigos e das convenções que definem uma linguagem dentro da arte, uma expressão dentro das diferentes linguagens da atuação e tudo mais...

Orador A: Exato!

Orador D: Eu imagino que sufoco que esse cara devia estar passando...

Orador C: Na verdade esse produtor teve... A sagacidade de...

Orador A: Nós estabelecemos do que é que vamos ter que falar nesse filme através da expressão artística pela vontade do diretor, do que ele estava propondo, mas porque agora temos o mesmo lugar, temos os mesmos códigos estabelecidos juntos...

Orador C: Estabilizou o vocabulário...

Orador D: E agora você entrou na história do cinema canadense como o ator brasileiro que introduziu o ator-compositor nos processos de criação e produção em cinema em... Você está em qual cidade? Vancouver?

Orador A: É, Vancouver!

Orador D: Olha aí!

Orador C: Do you know what I mean? Esse inglês ruim da gente, cara, mas eu iria adorar fazer uma cena “what the hell is going on here?”

Orador A: Tudo isso está tão atrelado a informação que você vai ter na sua construção que realmente, é meio besta falar, mas é isso, a escola te prepara para vida mesmo...

Orador B: Eu até vou um pouco mais longe, eu acho que o conhecimento que temos da nossa própria cultura é limitado...

Orador D: Já é limitado!

Orador C: Sim.

Orador B: Existe uma lei, que é uma lei recente de dez anos para cá, que obriga os currículos, que obriga incluir nos currículos questões de matriz africana e enfrentou muita resistência por parte da escola...

Orador C: Não, enfrenta na sala de aula...

Orador B: E enfrenta ainda nas salas de aula... É muita resistência de aplicabilidade pelos professores que não tem essa formação e para os alunos também. Porque temos uma matriz que é europeia, que é colonial, que é branca eurocêntrica e aí quando a gente vem falar sobre a cultura africana, por exemplo, como se não fosse a nossa cultura, como se o Brasil não fosse um país tão miscigenado, tendo grande parte da população negra, e aí temos ainda essas coisas, temos ainda uma necessidade de conhecer-nos a nós mesmos.

Orador D: E podemos falar do terceiro conceito, que acho que é fundamental nesse processo. Estávamos falando de linguagem, linguagem do ponto de vista mais básico, no sentido, domina a língua portuguesa, domina a língua escrita, do domina a língua verbal, entende minimamente a comunicação, através do gesto, linguagem no ponto de vista mais básico linguagem ponto de vista, mas é limpo, sem falar de arte ainda. E, de repente, vem a arte para contaminar essas convenções de linguagem... Porque quando a arte chega, a arte vem com a metáfora, a arte vem com a simbologia, arte vem com a ironia...

Orador C: Com as figuras de linguagem...

Orador D: A arte vem com a caricatura, com todas as figuras de linguagens que são próprias da linguagem artística, e que se você mal se desenvolve na linguagem básica de comunicação vigente, corrente...

Orador C: Formal...

Orador D: Na linguagem formal... Obrigado! Muito dificilmente, você vai conseguir ler ou se relacionar com uma obra de arte, com todas as suas camadas de significância. E, nesse sentido, vamos ter que discutir um pouquinho o terceiro conceito que é educação. Olha a dificuldade que existe nesse processo formal de educação, que entendemos por educação um processo formativo continuado, contínuo de instrução, de experiência, ele é composto por...

Orador C: Pelo conhecimento empírico...

Orador D: Exato!

Orador C: Minha avó mesmo vive falando isso e eu adoro, cito sempre que posso na sala de professores, falando “É, meu filho, é muito difícil ensinar professor”, e, de fato, é...

Orador A: Nossa, é o pior público!

Orador C: É o professor...

Orador D: Dificílimo!

Orador A: O pior público é professor, cara! Para dar aula para professor, é a pior coisa!

Orador D: É a pior de todas! Mas, olha como é complexo esse sistema. Se pararmos para pensar, temos uma lei que define diretrizes básicas de acesso ao ensino, de liberdade de ensino, de parâmetros curriculares que definem universos a serem estudados, que define eixos de ações a serem executadas, de repente, você tem um documento que traz uma base curricular comum, ou seja, esse conteúdo tem que ser comum a todos os recantos brasileiros e todo mundo tem que dar conta desse contexto e, ao mesmo tempo, precisamos considerar as diferenças culturais que temos em um país como nosso, que são continentais como a Luciana apresentou muito bem no início, e você tem, no final disso tudo, uma prova que avalia de uma maneira unificada todos os conteúdos e olha a complexidade de ações, quando eu paro para dizer eu me confundo...

Orador C: Claro!

Orador D: Eu me embanano...

Orador C: É uma imensidade de fatores e conjunturas que, sim, ratificam a importância de você ter um exame nacional que balize esse conhecimento e que a gente possa ver onde está falho, onde você tem melhores resultados em um país tão grandioso e complexo, mas também mostram que é necessário ainda essa equalização para que a gente possa evoluir dentro desse compromisso de tentar erradicar o analfabetismo, de formar cidadão não analfabeto funcional, que consiga ler as camadas de complexidade que isso tudo representa...

Orador D: É porque nesse exemplo a gente nem chegou a falar da própria arte que é uma complexidade extra...

Orador C: Isso!

Orador D: Além disso tudo, desse complexo. Mas tem uma coisa que eu acho que ninguém que ouve isso, ninguém que lê e nem ninguém que bate o olho nesses documentos ou que conversa sobre esse assunto, eu acho que vai discutir a complexidade disso. Acho que todo mundo tem noção da complexidade de camadas e de ações que apresentam o processo educacional, desde suas estruturas mais formais até as... Das convivências, as empíricas que se divergem ao longo do continente, mas o que eu acho que vale a pena a gente pensar é sobre a importância de termos ministros de educação, secretários de educação, formadores de opinião na educação participando de todas essas instâncias, que devem participar de todas essas instâncias, mas representantes políticos e representantes, enfim, funcionários deste setor, funcionários públicos...

Orador C: Representantes da sociedade também...

Orador D: Pessoas que possam dar conta desta complexidade e eu acho que vale a pena a gente fazer uma reflexão sobre, inclusive nesse momento de transição política, acho que vale a pena a gente pensar sobre o que a gente tem visto e ouvido.

Orador B: E pensar na sociedade em toda sua complexidade. Desde as famílias até as outras instituições, como se envolvem pouco nessa questão da educação. Pois, como nós vemos, por exemplo, na mídia, durante a aplicação das provas do ENEM e após aplicação, se fala dos atrasados do ENEM, não se fala da prova, não se fala das conquistas de uma prova como o ENEM, não se fala, por exemplo, da possibilidade de um aluno de uma cidade muito interiorana que faz o ENEM, ele consegue se mudar para um grande centro e estudar e mudar a vida dele e da própria família...

Orador C: Sim.

Orador B: Não se fala! E entra ministros e sai ministros e as notícias continuam sendo as mesmas...

Orador C: O portão fechando, o garoto desesperado.

Orador B: E pessoas fazem as coisas mais descabidas e a sociedade continua sem se envolver. E lembrando que a LDB, a nossa LDB que o Ferdi citou, ela vem da constituição de 1988...

Orador C: Isso!

Orador B: Que é uma constituição cidadã, que é uma constituição que se construiu a partir da participação popular...

Orador C: Sim!

Orador B: A LDB também visa a construção a partir da participação popular, tanto que nós temos uma coisa nas escolas públicas que a gestão democrática...

Orador C: Perfeito!

Orador B: A sociedade, ela tem o direito e o dever de se envolver no que está sendo feito naquela escola, então, é muito importante que a gente pense o papel da mídia, como que a mídia tem...Inclusive, para mim, se eu se eu não fosse uma educadora e assistisse só o que aparece na mídia, eu ia pensar que o ENEM é uma coisa ridícula, porque eu assisto na televisão só coisas ridículas, eu não vejo, por exemplo, a história de uma pessoa que alcançou um desenvolvimento pessoal, que se superou, que estudou para o ENEM e que teve um grande feito...

Orador C: O que é uma pena...

Orador B: O que é uma pena!

Orador C: Porque temos vários casos, acho que tinha aqui, em Brasília, um cara que vigiava carros...

Orador B: Isso!

Orador C: Em um mercado, já senhor e que passou sou pelo ENEM, estudou com livros que ele ganhou de doação, então, realmente a gente não fala de situações realmente de conquistas dentro desse processo...

Orador D: É porque a gente continua lidando com a educação como um processo alegórico. A gente continua lidando com a educação como um processo que é obrigatório, porque é obrigatório passar por esse processo...

Orador C: É um direito garantido na constituição...

Orador D: Mas a gente, de um modo geral, que a tem acesso à notícias sobre educação, programas que tratam sobre a educação, o acesso à discussão sobre esse complexo que a gente está apresentando agora, a gente não tem acesso, não tem nada e isso...

Orador C: Na verdade, Ferdi, reflete muito essa questão de que é muito mais fácil, você governar um país que não tem um bom desenvolvimento educacional e eu acho que, nesse sentido, Gustavo, porque o Canadá tem uma visão ímpar nessa questão da formação das pessoas, então, chegamos ao quadro mexendo com meu, com seu, com o nosso, com o íntimo, fala ai Gustavo fala para gente, cara...

Orador C: O Objeto de discussão aqui é o ENEM, eu sei que é o ENEM, mas nós em Brasília temos o programa de avaliação seriada (PAS) que elege obras, ou seja, que os meninos tem que ler por etapas, que é a divisão dos segmentos de primeira, segunda e terceira série do ensino médio e eu fiquei muito feliz que entrou agora uma peça de Shakespeare, que também é uma peça pouco celebrada porque é uma tragicomédia, e a gente, aqui no Brasil, estudou muito pouco esse gênero, que é o “Medida por Medida”, mas eu achei incrível, assim, estar fazendo parte do repertório de leitura desses garotos.

Obviamente que estamos falando de uma realidade localizada, Distrito Federal, que tem sim o resultado nesses exames, tanto nacionais quanto local, um nível muito alto, então, a gente não dá para comparar o restante do país nesse sentido porque é muito distinto, mas eu fico feliz de ter uma instituição como a Universidade de Brasília, pensando justamente em poder fornecer autores de grande relevância nesse currículo, nessa formação desses alunos. Vamos fazer um diferencial, seus concorrentes ou a grande maioria deles, não vão ler por conta dessa dificuldade, se você conseguir superar essa questão de linguagem, mais uma vez, você com certeza vai estar à frente deles. A gente falando disso tudo, de contextos, eu separei uma parte aqui, mas eu selecionei as provas 2017/2018, para darmos uma olhada na abordagem que tem sobre as artes cênicas...

Orador D: Simbora moçada! Vamos discutir a prova do ENEM?

Orador B: Que nota você tiraria?

Orador C: Então, você sabe que, felizmente, isso para mim é importante porque eu trabalho com esse público, eu acertei ela sem olhar o gabarito.

Orador B: Parabéns!

Orador D: Ah, vejam só Hugo Leonardo...

Orador C: Obrigado, gente!

Orador D: Se você procura um professor de teatro, procure um que acerte a prova do ENEM!

Orador C: Mas comentando, eu vi também que a maioria dos meus alunos, essa abordagem das questões que caíram, para eles também foi leve mais do que a abordagem do programa de avaliação seriada da Universidade de Brasília, que eu acho que ela tem muito como sistema, como sistemática de avaliação a ensinar para o exame nacional. Por que eu estou falando isso? Primeiro que, no exame nacional, fica muito difícil para o professor, que está ali dando aulas para galera de ensino médio, precisar qual vai ser o recorte de conteúdo, porque é tudo que eles viram nos 3 anos, na primeira, segunda e terceira série, e você vai ficando mais malaco com o tempo que você está em sala de aula e percebe que o ENEM tem uma pegada mais voltada para a questão das atualidades. Eu pude, depois, eu já estou a cinco anos que eu voltei a dar aula no ensino formal para esse público, porque eu dialogo muito melhor com os jovens, e se são menores eu tenho que fazer adaptação de vocabulário e o titio fala palavrão, é uma m\*\*\*\* aí perdão, quer dizer gratidão! Que a gente tem que agradecer.

Orador D: Isso mesmo!

Orador D: Posso antes de você fazer a leitura da questão...

Orador C: Claro!

Orador D: Eu queria fazer um desafio aos ouvintes, ok, gente?

Orador C: Vamos lá!

Orador D: Se esse podcast bombar, abriremos um canal no YouTube sobre o ENEM com o Hugo Léo, Luciana Loureiro, Fernando Martins e o Reinecken.

Orador C: Isso! E, ainda digo mais, a gente abre sobre o ENEM e sobre o programa de avaliação seriada também para os alunos daqui de Brasília...

Orador D: A gente vai fazer tudo! Você vai ver, é só bombar.

Orador C: E o que eu percebi, gente, que nos três últimos anos tem tido duas questões tipo C sobre artes cênicas na prova do ENEM. O que é uma questão tipo C? É uma questão que vale mais porque os itens... as questões tipo A são itens que você julga certo e errado, e a questão tipo C, você tem cinco alternativas, sendo que somente uma complementa a ideia do enunciado da questão. Isso é bem interessante na prova do ENEM porque, às vezes, você só precisa ter realmente uma boa leitura, você não precisaria ter tido aula sobre aquilo, porque como é uma complementação de ideia, você vai ver que as outras opções fogem muito ao tema, tanto do texto de referência quanto do enunciado da questão.

Orador D: Ou seja, do ponto de vista formal, se o estudante dominar a língua portuguesa e tiver boa interpretação de texto...

Orador C: Isso, exatamente!

Orador D: Ele nem precisa do conteúdo específico para realizar essa questão.

Orador C: Tanto que são quarenta questões de códigos e linguagens, sendo que uma média de duas questões para artes cênicas, música um pouco mais, quatro em média cinco no máximo, e artes visuais ali entre três e quatro. Então, ainda das três linguagens, que a gente normalmente tem oferecidas dentro do ensino médio no Brasil, ainda artes cênicas é a que tem um espaço um pouco menor. E essa questão da prova de 2018, diz o seguinte: “A Body Art põe o corpo tão em evidência e o submete a experimentações tão variadas, que suas influências se estendem aos dias de hoje. Se na arte atual, as possibilidades de investigação do corpo parecem ilimitadas, pode-se escolher entre representar, apresentar ou ainda apenas evocar o corpo. Isso ocorre graças ao legado de artistas pioneiros, ou seja, desse trabalho que é uma construção no texto, a concepção do Body Art está relacionada a intenção de: Opção A: estabelecer limites entre o corpo e a composição; B: fazer do corpo um suporte privilegiado de expressão; C: discutir políticas e ideologias sobre o corpo como arte; D: compreender autonomia do corpo no contexto da obra e a opção E: destacar o corpo do artista em contato com o espectador.

Orador B: Meu Deus!

Orador C: No caso, a gente consegue eliminar as idiotas, mas o nosso gabarito corresponde a opção B: fazer do corpo um suporte privilegiado de expressão, e aí, você olhando a imagem e o texto você consegue chegar a essa conclusão facilmente porque...

Orador D: Mas eu confesso que eu acho complexo...

Orador B: Eu também!

Orador C: A opção A também?

Orador D: Não a C, me puxa, por exemplo.

Orador C: Discutir política sobre o corpo como arte, mas no sentido...

Orador D: Também me pega mas...

Orador C: Mas para nós que somos estudantes de arte e que nós entendemos essa questão das concepções...

Orador D: Gente, eu reprovaria no ENEM!

Orador B: Quando a gente entende com profundidade...

Orador C: Desculpa!

Orador B: Ai meu Deus, que contra propaganda para minha escola.

Orador C: Não imagina, amigo! É porque as opções acabam sendo complexas...

Orador D: Não, mas elas são complexas porque, obviamente, quando você vê, por exemplo, uma obra da artista Orlan, procurem aí depois, na internet, vocês, queridinhos, a referência da Orlan, que é uma artista francesa interessantíssima que usa como suporte da obra dela, o próprio corpo com intervenções cirúrgicas, enfim, performáticas sua partir do cabelo, da pele e tudo mais, da vestimenta e tudo mais, mas quando você pega a Orlan, ela é uma figura icônica.

Orador C: Total, e ela com certeza vai abordar políticas e ideologias sobre o corpo como arte.

Orador D: Exato!

Orador C: Tranquilo a observação nesse sentido...

Orador D: Porque também... Não é que é um... Não é excludente.

Orador C: Exatamente, um não exclui o outro, mas o...

Orador D: Claro que a B é mais certa...

Orador C: É a opção que complementa melhor...

Orador D: Exato.

Orador C: O enunciado da questão...

Orador B: Isso!



Orador C: Então é nesse sentido que vai nos dando um know-how quando você vai trabalhando e construindo questões que preparem os garotos...

Orador B: Isso!

Orador C: Para responder essas alternativas...

Orador B: E o que é interessante na prova do ENEM, é isso, é uma coisa muito recorrente, é que você aprende fazendo a prova, o enunciado, ele te dá toda uma contextualização a respeito do que é a Body Art, então, você Ops! Nunca ouvi falar de Body Art, mas...

Orador C: Exato!

Orador B: Ali está falando e está te dizendo alguma coisa sobre, então, a ideia de você aprender fazendo prova, eu acho uma abordagem bacana também.

Orador C: Não, é muito importante porque a gente sabe...Até, né, Lu? Que como os contextos de educação no Brasil são tão diversos, se você não tiver algo amparado, principalmente em códigos e linguagens, para questão interpretativa, que você possa fluir uma informação nova, e que isso não vai interferir em erro para uma pessoa que já tinha tido essa informação anteriormente, eu acho que é incrível também, é um legado interessante na construção desse conhecimento.

Orador B: Se eu pudesse dar uma dica para as pessoas que vão fazer a prova do ENEM é estuda semana moderna de 1922...

Orador C: Total!

Orador B: Gente, sempre cai...

Orador C: E a partir daí?

Orador A: É! Cai muito em prova de concurso, ENEM, PAS, UNB, USP, tudo!

Orador C: Em termos de teatro eu também vejo que é a partir da modernidade, ou seja...

Orador B: Isso!

Orador C: Das vanguardas teatrais até as questões um pouco mais recentes, por exemplo, a segunda questão que eu separei tem uma foto do grupo do Teatro Mágico e vai justamente falar sobre o fazer desse grupo, que aí a gente está falando de contemporaneidade. “O grupo Teatro Mágico apresenta composições autorais que têm referências estéticas do rock, do pop e da música folclórica brasileira. A originalidade dos seus shows tem relação com a ópera europeia do século XIX, a partir de, ou a partir da: a primeira opção diz que é a partir da disposição cênica dos artistas no espaço teatral...

Orador B: Não é...

Orador C: A opção B, que seria a correta, diz que é a integração das diversas linguagens artísticas, então, quando eu falo, por exemplo, das vanguardas teatrais, a gente vai ver essas influências que tiram esse aspecto do teatro ou da música ou das relações das linguagens artísticas, voltadas somente para a questão da interpretação, e a gente vê que é uma complexidade de linguagens, é uma encenação, são as utilizações desses recursos e das linguagens disponíveis...

Orador B: E a resposta está no enunciado!

Orador C: Está no próprio enunciado que a gente...

Orador B: Se mistura tudo...

Orador C: Exato!

Orador B: E está dizendo que...

Orador A: Mas isso é do próprio parâmetro também, eu acho, os PCN's também estabeleciam isso...

Orador C: Exato!

Orador A: Que a prova, as avaliações, os processos avaliativos na escola, eles são uma extensão da escola, na verdade, você continua, o processo avaliativo também é um processo educacional...

Orador B: Isso!

Orador A: Você pode aprender fazendo que fazer provas, fazer prova é muito bom para aprender também...

Orador B: Por isso que, no ENEM, por exemplo, se é desaconselhado ou praticamente proibido, você fazer um peguinha, de ter uma prova que de repente leve o aluno para um outro caminho. Não, a prova, ela é bem ética nesse sentido. Ela vai bem de acordo com esses valores de aprendizagem mesmo, e não de sacanear o aluno que está fazendo ou fazer com que o aluno se perca ou se confunda.

Orador C: É, nesse sentido, é um elogio que eu tenho a fazer realmente a esse exame, porque ele considera a coerência no argumento muito mais do que criar situações de embaraço ou desentendimento do próprio aluno...

Orador D: O ouvinte pode perceber que a gente é fã da prova!

Orador C: E que a gente espera que as novas diretrizes do Ministério da Educação para com esse exame se... Se mantenham ético!

Orador B: A gente, na verdade, é fã da educação, a gente acha que a educação, ela é realmente o caminho, mas uma boa educação... Complexa, ética, pela pluralidade e pela igualdade.

Orador A: O Beto, meu amigo, que é músico, o Beto Ramos que inclusive é um dos autores que grava a música de abertura deste podcast, que a gente sempre usa, a música tema do Trabalho de Mesa, ele que está tocando piano na música. E ele me contava uma anedota, que ele tinha quando ele estava dando aula para ensino médio no Brasil, e ele me contou uma anedota muito engraçada que aconteceu com ele. Porque, era assim, ele tinha uma reunião de professores e aí ele estava tentando explicar qual era a importância de você realmente tentar aplicar o PAS e aplicar o ENEM como um parâmetro de avaliação para os alunos, a gente estava conversando sobre isso, e ele chegou que falou para um professor da sala lá que o que ele fazia, era assim, ele passava uma prova para o aluno, o aluno respondia a prova, passava para ele, ele avaliava a prova e levantava o que estava certo na prova, dizia aqui está certo, e onde o aluno errou ele apontava, olha aqui está errado e devolvia a prova para aluno e o aluno refazia a prova só a parte que ele errou, refazia a prova e devolvia para o professor

Orador B: Sim!

Orador A: Ele falou, olha aqui ainda está errado e ele ia assim, até o aluno terminar e o aluno tirava dez quando ele terminava o processo, é claro.

Orador C: Show!

Orador A: Porque ele ia aprendendo, né... daí, ele disse que o professor ficou indignado e falou, “mas assim todo mundo vai passar”

Orador B: Mas a ideia é essa, que todo mundo passe...

Orador C: Exato! O objetivo é esse, na verdade.

Orador A: Aí ele falou “Ué, mas o objetivo da educação, como um todo, é esse mesmo, a ideia é exatamente essa”.

Orador B: É engraçado que nós ficamos sempre nas nossas contradições. Esses dias, eu recebi uma mensagem de Instagram de um ex-aluno falando assim “Ah, eu sinto tanta saudade das suas aulas. Eu lembro que eu passei no PAS sem ter nenhum lido nenhuma obra porque a sua aula era tão boa que eu me lembrava da aula e eu fazia a prova”. Aí, eu não sei se eu fico feliz ou triste.

Orador D: Nós ficamos felizes e tristes...

Orador B: Porque ele não leu...

Orador C: Nós ficamos felizes e tristes...

Orador B: Poxa, Artur!

Orador C: Primeira vez que eu tive contato com o Trabalho de Mesa, ele ainda era um programa de vídeo e era voltado para a gente poder analisar as obras e relacioná-las, que é isso também outra coisa que eu acho que o programa de avaliação seriada pode ensinar para o exame nacional do ensino médio, que é você fazer uma referência, uma matriz de referência, ou seja, já poder apontar para os alunos como que você vai abordar tal obra, então isso é interessante porque você já direciona o discurso, ou seja, mais uma vez preocupado com o desenvolvimento ético desse conhecimento e não querendo está gerando barreiras, então, isso acho que é uma coisa que o ENEM também ainda pode evoluir, é ter um recorte mais claro também de como eles vão fazer abordagem desses conteúdos.

Orador B: Eu acho interessante a gente pensar, por exemplo, na cultura brasileira tem um livro de teatro, que fala da história do teatro no Brasil e o nome do livro é “Tradição e Ruptura” e se a gente pensa, por exemplo, a nossa cultura como tradição e ruptura dentro desse filtro de tradição e ruptura isso acontece, por exemplo, eu acho que o ENEM ele está na qual... é a palavra? Não é baliza...

Orador C: Limbo?

Orador B: É o ENEM ele está nesse limbo, as pessoas estão discutindo e eu acho que existe uma tendência muito grande do ENEM acabar, porque no Brasil as iniciativas elas começam, se desenvolvem e elas têm o seu fim e não uma transformação...

Orador C: Perfeito!

Orador B: Então, a ideia de uma tradição e ruptura eu acho que ela é muito ruim...

Orador D: Sobretudo em um momento tão icônico baseado em uma polarização política que define que tudo que um lado faz é muito ruim e que tudo que o outro lado faz é muito ruim...

Orador C: Exato, e as conquistas elas se esvaziam e se perdem...

Orador B: Se perdem também...

Orador D: Se perdem, entendeu? Então, no momento de transição governamental, por exemplo, se o ENEM, por exemplo, que é um uma iniciativa, que é uma ferramenta que foi criada em um determinado governo corre o risco de desaparecer, mesmo com todas as suas complexidades, com todos os seus ganhos, com todos os avanços só porque ele foi uma iniciativa que teve início no governo anterior de uma vertente política diferenciada...

Orador C: Do PT!

Orador B: Foi o Haddad, gente, e foi mesmo...

Orador C: É verdade...

Orador B: Foi o Haddad, nós precisamos dar nome aos bois...

Orador C: A verdade precisa ser dita, ninguém está aqui defendendo propriamente um partido ou uma...

Orador D: Não, mas é porque a iniciativa...

Orador C: Claro!

Orador D: A iniciativa é incrível, é um projeto educacional avançadíssimo, a gente não pode...

Orador C: Eu não vou ficar aqui defendendo postura, mas eu não consigo entender quem não conseguiu fazer uma leitura de um discurso de um professor para ouvir um discurso blahblehbleh e achar que está valendo. Mas, tudo bem, pode editar Henrique, eu não estou nem aí, eu falei porque a minha terapeuta falou que eu tenho que falar mesmo...

Orador D: É, mas o curioso é que tem tudo a ver porque, por exemplo, o não reconhecimento do discurso do Haddad como um discurso efetivamente em pré-educação.

Orador C: Coerente...

Orador D: Coerente! Sabe, assim, profundo? Com muitas camadas, tanto de conceitos como de ações direcionadas a essa área e tal...

Orador C: Sim.

Orador D: Não reconhecer isso é reflexo exatamente das deficiências que a gente precisa estar de olho...

Orador C: E um dos receios que eu tenho também, não só desse da prova acabar, é dela perder essa característica ética e de uma abordagem que está coadunada com os pensamentos in voga atualmente, por exemplo, a questão do empoderamento feminino, da sonoridade entre as mulheres...

Orador B: A promoção da igualdade racial...

Orador C: Exato! Da diversidade como um todo, por exemplo, nessa prova de 2018, tem uma questão incrível sobre o pajubá, que é a língua secreta dos gays e travestis, é inspirada na língua yorubá e você não precisa conhecer o dialeto para poder responder à questão que aquilo que a gente estava falando...

Orador B: Você aprende com a questão.

Orador C: Você aprende com a questão e consegue abordar como que eu posso dizer? Guetos que sempre são marginalizados, que são excluídos e o meu medo é a gente também perder essas conquistas...

Orador D: Sim.

Orador C: Nesse fazer da prova.

Orador D: Que esse comentário final, onde você reconhece que existe um maior número de questões relacionadas à literatura, por exemplo, formal e informal...

Orador C: Sim.

Orador D: Já é um indicador de como a linguagem é tratada como linguagem verbal e escrita e como as linguagens artísticas, elas são talvez em virtude da sua grande complexidade...

Orador C: Sim

Orador D: Da falta de disciplina ou de mais carga horária...

Orador C: Isso.

Orador D: Para se abordar essa quantidade de gama, essa quantidade, esse leque de questões e de temas e de assuntos relacionados a linguagem artística, talvez isso já é um diagnóstico...

Orador C: Com certeza.

Orador D: Quando gente para olhar porque existem tantas questões do conhecimento da linguística, da língua aplicada no sistema formal...

Orador C: Isso!

Orador D: E a linguagem do ponto de vista artístico fica com bem menos espaço...

Orador C: E é bem claro isso, de quarenta questões de códigos e linguagens, dez no máximo são voltadas para as linguagens artísticas, e você tem aí trinta questões para se abordar a linguagem dentro da literatura e da gramática e do português.

Orador A: Isso talvez tenha uma relação direta também com que a gente conversou lá na reunião, que é o fato de você ter pesquisas acadêmicas também, livros, publicações feitas por artistas cênicos no caso ou artistas plásticos, enfim, acadêmicos artistas, essa produção, ela ainda é muito pequena em comparação a outras produções. Então, se você vai a uma livraria, a uma biblioteca, você acha uma quantidade gigante de livros sobre diversos assuntos, mas se você for fazer uma avaliação, um parâmetro ali, uma contagem de quantos livros de literatura temos, de quantos livros de arquitetura, quantos livros sobre a língua portuguesa, quantas gramáticas, quantos livros que são voltados para o ensino da química ou da biologia, por exemplo, me parece que se você achar no lugar e isso existindo, você tem uma quantidade muito menor de teatro, por exemplo, vai ser sempre uma produção muito, muito menor.

Orador C: Com certeza não só de teatro, mas de arte como um todo.

Orador D: É, e paradoxalmente, a gente está falando de uma arte que tem mais tempo de existência como a área de conhecimento, falando de teatro e literatura, o teatro existe há mais tempo, alimentou bastante a literatura, inclusive.

Orador A: Exato!

Orador D: A literatura se entende como área de conhecimento talvez, e aí eu arrisco dizer com um certo receio, mas, talvez, eu arrisco dizer que o teatro alimentou inclusive a formulação dessa criação dessa nova área que é a literatura...

Orador A: Com certeza!

Orador C: Sim!

Orador D: Eu não sei porque eu nunca fiz a prova de biologia, por exemplo, de química, eu nunca parei para ler essas provas das outras matérias, eu já li bastante procurando história, procurando literatura, procurando matérias das áreas que são correlatas à área do teatro, quando eu estava dando aula, mas eu nunca fui a fundo para saber se, por exemplo, em matemática está tão acurado quanto uma universidade, quando se estuda na universidade, pegar um professor de matemática e me falar “você acha difícil a prova ou a prova é muito fácil para você?” Eu nunca fiz essa questão até queria saber se os ouvintes acham, porque eu tenho uma tendência a acreditar que também o produto artístico, nesse aspecto educacional, ele às vezes é levado em consideração não tão séria porque enquanto a gente também não apontar as provas de avaliação para o nível um pouco mais ok, isso aqui você vai ter que aprender se você quer realmente levar esse ponto para cima! Como, por exemplo, acontece como PAS não só o PAS da Universidade de Brasília, mas PAS das outras universidades...

Orador C: Sim, os outros programas de avaliação seriadas...

Orador A: O PAS não é um programa exclusivo de Brasília, e é uma prova mais complexa, é uma prova mais difícil e é uma prova que realmente reprova nesse sentido, assim, existe um corte real, você sente ali, tipo, cara, eu não sei esse assunto, e a prova não vai te facilitar necessariamente.

Orador C: Exato!

Orador D: Você tem que saber esse assunto se você quer passar nessa prova, você tem que saber esse assunto. E o ENEM não tem essa proposta, ele não quer te limitar a não passar, ele quer que você saiba aquilo. E eu também acho que, de certa forma, eu sinto uma descredibilização, por assim dizer, do ENEM em relação ao conteúdo de artes por causa disso, eu tive essa experiência, várias vezes, de os alunos mesmo na sala de aula não se preocupavam porque eles falavam “só tem dez questões, é muito fácil, aí qualquer um passa”, eles sentiam que aquilo não era importante porque aquilo não tinha um nível que os deixavam preocupados como o PAS deixava...

Orador C: Isso, pelo peso que tem. Porque só para complementar essa ideia, realmente, as provas do programa de Avaliação seriada e, no caso, eu estudei o da UNB, é em códigos e linguagens, as questões de arte representam mais de um terço dos itens e questões. Então, você já tem uma valorização maior da arte como área de conhecimento, tem um peso que se um aluno que estiver disputando uma vaga de um curso muito concorrido, ele vai ter que valorizar o ensino de artes, porque às vezes é ali que ele vai conseguir diferenciação para ser aprovado ou não.

Orador A: É isso que o Hugo colocou, ele entende que você vai precisar dos conteúdos para o curso que você vai fazer independente do curso que você vai fazer, isso, cara, é genial! Porque antes do PAS ser obrigatório ou entrar para valer, eu estava dando aula no ensino médio e muitos alunos, alunos que se interessavam em estudar a minha matéria, eram só alunos que tinham o interesse de fazer uma faculdade de história, ou fazer uma faculdade de artes ou fazer um coisa relacionada diretamente à arte. Aqueles alunos que queriam fazer uma outra coisa, que eram maioria ali, eles não se interessavam pela disciplina. Quando o PAS chegou e falou: “olha, para passar na prova, você precisa saber esses conteúdos”. Aí, acontece que o garoto que quer fazer direito, ele quer entrar na faculdade de direito

Orador C: Exato! Ele precisa.

Orador A: Ele acha que ele vai precisar porque a prova vai nivelar todo mundo e isso é muito interessante para você tratar, na verdade, uma doença, que essa doença mental que o aluno tem...

Orador C: Que loucura Gustavo, muito bem colocado!

Orador D: Que é porque é uma imbecilidade a pessoa chegar à conclusão de que “ah, eu não vou precisar estudar aprofundadamente as coisas que estão me ensinando porque eu quero a matéria lá na frente, eu quero estudar outra coisa”, isso é uma idiotice porque quando você é adulto, você percebe que tudo está ligado, está tudo absolutamente ligado claro que existem especificidades...

Orador D: É o contrário também é verdade, Gus?

Orador A: Exato!

Orador D: Quando o artista acha que nunca vai precisar de física e aí vai fazer uma afinação de luz e não entendi a angulação.

Orador C: Nada... Refração...

Orador A: Exato, é uma imbecilidade...

Orador C: Eu também acho...

Orador D: É claro que existem coisas de conteúdos que a gente pode fazer um programa sobre avaliação do conteúdo mesmo, que são coisas que até no produto artístico, até na



faculdade de artes é um pouco meio... Você fica “ah, vamos perder tanto tempo” enfim, isso é sempre mutável, discutível, não é essa questão. Mas, a questão é que tem muita gente que pensa que realmente não tem necessidade de aprender coisas da arte porque ela vai fazer direito e essa é uma imbecilidade do aluno. O que é normal porque o aluno de ensino médio, como diz o Hugo, a adolescência é uma fase de mau gosto que passa.

Orador C: Exato!

Orador A: Então, a gente faz um compromisso aqui, a gente estabelece aqui o próximo assunto desse vai ser assim que a prova sair a gente faz a prova e a gente traz a prova para os nossos ouvintes...

Orador C: Show!

Orador B: Eu acho que é uma boa!

Orador A: A gente executa a prova e bate-papo, o que vocês acham?

Orador C: Show de bola, eu inclusive vou me inscrever na “sala de professores” que é um projeto que tem aqui em Brasília, para que professores da mesma área possam resolver as questões em quantos alunos estão fazendo a prova e aí eu posso trazer também a abordagem da galera

Orador A: Então, é isso aí gurizada! Queremos agradecer imensamente vocês terem nos escutado até esse momento, ficou gigante programa, a ideia é não ter muito corte porque, enfim, é um assunto sério, é um assunto grande, extenso como a gente sempre fala, essa é só uma abordagem, só um ponto, a gente ainda vai levantar outras questões futuramente. Se por acaso tu tenhas uma experiência boa com o ENEM, tem alguma história para contar, manda um e-mail para nós para o [bilheteria@trabalhodemesa.com](mailto:bilheteria@trabalhodemesa.com). Se existe na sua cidade, outro programa de avaliação do ensino médio que facilita você entrar em uma faculdade federal ou particular ou se alguma universidade usa a prova do ENEM enfim, conta para gente como que é na sua cidade, onde você mora, manda um e-mail com o seu nome, o que você faz, como que foi o seu processo de academização, se você passou, se você quer ou não, mas entra em contato [bilheteria@trabalhodemesa.com](mailto:bilheteria@trabalhodemesa.com) para gente saber como você está, o que você anda fazendo e não se esquece dos nossos contatos também nas redes sociais no Instagram, no Facebook, ache esse povo todo lindo aí, manda os nudes, manda as conversas, manda o que você quiser estamos aqui esperando o seu contato certo?

Orador C: Certo!

Orador A: Mais alguma coisa gente?

Orador C: Não, galerinha muito bom está aqui de volta com vocês e obrigado!

Orador D: Parabéns, Luciana Loreiro mais uma vez...

Orador C: Parabéns pelo seu aniversário!

Orador A: Ah, é felicidade!

Orador D: Sigam Luciana Loreiro no Instagram @lucianalorero, siga-me no Instagram @Fmferdi e nossa escola @teatrodosventos...

Orador C: Vários stories...

Orador B: Brevemente, nós queremos fazer um programa, um canal, alguma coisa, algum link de comunicação com a comunidade para falar sobre as provas do PAS, para falar sobre arte, enfim, beijo...

Orador C: Parabéns para você nessa data querida muitas felicidades muitos anos de vida...Vai ter que pagar ECAD... Eedita, Henrique!

Orador A: Eu não cantei porque para sincronizar com Skype vai ser muito difícil, então eu vou cantar a minha parte depois.

Orador B: Obrigada, gente!

Orador A: Lu, parabéns!

Orador B: Muito obrigada!

Orador A: Então, é isso gurizada, muito obrigado a todos queríamos pedir encarecidamente que, por favor, entre em contato, um beijo e até mais.

Narrador: O Trabalho de Mesa é uma criação da ETCA - Equipe Teatral Confins-Artísticos.

...

Fim da Transcrição 01:16:44

...

**Fim da Transcrição 01:16:46**